

ESPANHOLISMO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

IMPÉRIO

CONSTITUÍRA-SE a nacionalidade. Ainda em início, já vai, em louca cavalgada, a caminho dos Algarves.

A golpes de montante, palmo a palmo, conquistamos as terras até acabarem — e chegamos ao mar. Parecia assim os trabalhos, por sua natureza, acabados. Mas não.

Acabara a realidade, começara o sonho. E, lá no alto, no alto do promontório de Sagres, onde a terra acaba, Portugal olha o Mar — o sonho duma Raça. A atracção do mar foi a sua grande aventura. Velas ao vento, Cruz-de-Cristo nelas, lá partem as caravelas em busca de novos mundos. E' a multiplicação de Portugal, pelos séculos fora, formando novas terras que são o prolongamento da nossa terra, bocados da nossa alma — orgulho da nossa civilização!

E' que com os nossos marinheiros e soldados iam os nossos missionários, os nossos colonizadores — essa a nossa característica civilizadora — o domínio da terra, o desbravamento e cultura, a povoação e assimilação dos indígenas, elevando-os, pela cultura e pela fé, ao nível da nossa civilização. Assim se formou um Império, não improvisado e sob o domínio da força, mas radicado, pelos séculos à mãe Pátria e indissolúvelmente ligado a ela.

E' essa a nossa maior glória. Os impérios das outras nações deruíram porque só se serviam deles, não os serviam. Para êsses as terras e os indígenas só tinham um valor — o dinheiro, o lucro. Mas esqueceram-se doutro valor superior a êste — a alma. Episódio que bem define a nossa acção civilizadora é o daquele diálogo entre o grande militar francês, o marechal Lyautey, quando da exposição colonial em Paris. «E's de Moçambique», pergunta êle a um prêto da nossa representação nessa exposição. — «Sou Português», respondeu-lhe êle. Idêntico se deu quando o Rei do Congo teve de escolher a sua nacionalidade, visto que os seus territórios estavam repartidos por três nações — Portugal, Bélgica e França — escolhendo a portuguesa.

Portugal pode, justamente, orgulhar-se de, mais que qualquer outro, ter compreendido a grandeza da missão que ia empreender.

Só a cruz, que levavamos por bandeira e sempre animou a colonização portuguesa, pôde conseguir que no caminho da nossa acção civilizadora igualássemos aos nossos colonizadores os nativos das terras de que tomavamos posse.

Emquanto os outros países só tentam esbulhar o indígena, são os portugueses que, num exemplo sublime para a civilização, o atraem, respeitando os seus usos e costumes, educando-o e integrando-o na vida portuguesa, e o vão gradualmente modificando.

Perdido o sentido imperial na Babilónia liberalenga, de novo ressurgiu o Império, trilhamos de novo o caminho tradicional da grei sob a orientação segura de Carmona e Salazar. A triunfal visita do Chefe do Estado por algumas das nossas províncias do ultramar na sua viagem a Angola no Verão passado e a sua próxima visita a Moçambique, vêm coroar a nova política e proclamar, bem alto, a unidade eterna da nossa Pátria Imperial.

A' MARGEM

SOBRE A RENDIÇÃO de Madrid foi apresentada, em sessão extraordinária da C. M. do Pôrto, e aprovada por aclamação a seguinte declaração do ilustre Presidente, sr. Doutor Mendes Correia:

«Esta Câmara não pode ficar indifferente perante o grande acontecimento de ontem: a ocupação da formosa capital da Espanha pelo exército nacional do generalissimo Franco ao fim de uma horrível guerra e, simultaneamente, de um pesadêlo que oprimia tôda a Humanidade: a ameaça da extensão ao ocidente europeu da tirania paranóica e sanguinária de Moscovo.

«Assinalando a transcendência que êste acontecimento tem especialmente para Portugal, devemos prestar homenagem de profunda admiração e reconhecimento aos dirigentes da nossa política externa, os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, que com tanta decisão e clarividência marcaram a nossa posição internacional neste lance dramático da história. Devemos também saudar a Espanha, a gloriosa nação vizinha, emfim restituída à sua fisionomia secular de dignidade e nobreza graças ao esforço heróico e tenaz do seu ilustre caudilho, dos seus valorosos soldados, da população patriótica e boa.

«Devemos afirmar o alto sentido universalista e humano da amizade fraterna que se consolidou perduravelmente entre as duas pátrias bem distantes.

«Devemos, emfim, na hora alta da vitória, curvar-nos em religiosa e comovida homenagem, evocando todos os que sofreram os martírios do terror «vermelho» ou tomaram para sempre em defesa da Verdade, da Justiça e da Bondade.

«Especializemos nesta homenagem os portugueses que morreram em Espanha lutando voluntariamente por esta, pela nossa Pátria e pelos mais nobres e puros valores do espírito».



«Demos à Nação optimismo, alegria, coragem, fé nos seus destinos. Retemperemos a sua alma forte ao calor dos grandes ideais e fomemos como nosso lema esta certeza inabalável: Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera Nação.»

A. L.

SALAZAR.

D A C I D A D E

NOTICIÁRIO VIDA CATÓLICA

Pedido de casamento

Pelo sr. Luiz Ribeiro de Faria foi pedida em casamento para o nosso amigo António José Paredes, a gentil senhora D. Maria Olinda Barreira, sobrinha do sr. Guilhermino Barreira e do sr. Gualdino Pereira e sua Ex.^{ma} Espôsa. O casamento realizar-se-á brevemente. Os nossos parabens e felicidades.

Correio do Minho

Completo mais um ano da sua fase nacionalista o nosso colega *Correio do Minho*, dedicando um suplemento a Guimarães. Prosperidades e que continue a reunir a gente moça das primeiras horas da Ditadura, em prol da Revolução, são o desejo de quem desde essa hora nêlo colaborou.

Santuário da Penha

Tem continuado a dar um dia de trabalho as fábricas do concelho.

Do sr. Almirante Júlio Schultz Xavier, e do sr. dr. Roberto de Carvalho recebeu a comissão angariadora de fundos 500\$00 e 200\$00, respectivamente.

Começamos hoje a publicar as listas já preenchidas.

Comemorações centenárias

Reuniu a comissão de propaganda tratando do plano a realizar para que os fins em vista tenham o êxito que todos esperamos. Na próxima semana terá nova reunião.

Poucas vezes terá que o fazer pois o seu papel é mais de coordenação numa propaganda imediata e activa pela imprensa, etc., que de estudo e preparação.

Novena

Começa hoje, pelas 17 horas, a novena de N. S. dos Prazeres, na Igreja dos Santos Paços. No dia 17 é a sua festa anual.

Carnes Verdes

Nos Paços do Concelho reuniram-se os comerciantes de carnes verdes que apresentarão na próxima semana uma nova tabela de preço das carnes.

Festa dançante

Tudo se prepara para que atinja grande brilhantismo o baile que amanhã se realiza no edifício da A. Commercial. Como se sabe abrilhantará esta Festa a orquestra-jazz «Relâmpago», de Viana do Castelo.

Festividade

Terão grande luzimento as festas em honra de Nossa Senhora da Madre de Deus de Fóra, da capelinha de Azurém, que se realizarão nos dias 22 e 23 deste mês.

Aniversários

Passaram o seu aniversário no dia 5 a sr.^a D. Maria dos Prazeres da Costa Carvalho e a 6 o sr. dr. Pedro Guimarães.

Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesa

No próximo dia 9, pelas 9 e meia horas, reúne a assembleia geral ordinária desta colectividade, sendo dois os fins:

1.º — Prestação de contas do 1.º trimestre de 1939:

2.º — Dar conhecimento à assembleia das várias deliberações tomadas pela Direcção:

Não comparecendo, neste dia, número legal de associados, a fica mesma transferida para o domingo seguinte, 16, começando meia hora depois da marcada, com qualquer número de sócios presentes.

Em férias

Na ausência do ilustre Delegado do Procurador da República, desta comarca, sr. dr. Armando António Barbosa, que, acompanhado de sua esposa, foi passar as férias da Páscoa, a Paredes de Coura, fica a substituí-lo o estimado solicitador encartado sr. Augusto Silva.

Encontra-se nesta cidade a passar as Férias da Páscoa, os nossos camaradas:

Tenente Miguel Tobim de Sequeira Braga, do G. M. n.º 15; aspirante Carlos Herculano da Costa Meireles Amado, aluno finalista da Escola de Guerra; Gaspar Pinto de Carvalho de Freitas do Amaral, da Faculdade de Engenharia.

9 de Abril

Mais um ano que passa sobre esta data. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra manda celebrar na próxima segunda-feira, pelas 9 horas, uma missa por alma dos combatentes, na Insigne Colegiada da Oliveira.

«Diário da Manhã»

Passou o seu aniversário o órgão da U. N., pugnador incansável da Revolução Nacional. Ao seu ilustre Director, dr. Pestana Reis, apresenta o *Ressurgimento* as suas melhores saudações.

Semana Santa

Tem sido muito concorridas as cerimónias da Semana Santa. Mais um ano passa sobre o drama do calvário, vivido ainda hoje na liturgia da igreja. E mais um ano, na ressurreição de Cristo, Lhe pedidos que seja também a dos corações, tam sobressaltados nesta hora de tantas inquietações. Que a Paz de Deus reine na Terra.

Domingo de Páscoa

RESSURREIÇÃO DO SENHOR

Evangelho (Mat., XVI, 1-7). — Maria Madalena, e Maria mãe de Iago, e Salomé prepararam aromas para irem embalsamar a JESUS. E, no primeiro dia da semana, tendo partido muito cedo, chegaram ao sepulcro ao sol nado. E iam dizendo entre si: «Quem nos há-de revolver a pedra, que da boca do sepulcro?» Mas, olhando, viram revolvida a pedra, que era muito grande. E, entrando no sepulcro, viram assentado da parte direita um mancebo, vestido de roupas brancas: do que ficaram muito pasmadas. Mas êle disse-lhes: «Não tendes pavor: vós buscais a JESUS Nazareno, que foi crucificado; mas êle ressuscitou. Já aqui não está: eis o lugar onde o depositaram. Mas ide: dizei a seus discípulos e a Pedro que êle vai adiante de vós esperar-vos em Galileia: lá o vereis, como êle vos disse».

Homfília. — Nestes últimos dias esteve a Igreja de luto. Hoje canta alegremente o Aleluia!

A Ressurreição de Jesus Cristo é efectivamente uma festa solene, a mais solene de todas; é o mistério mais glorioso para o Senhor e o mais consolador para nós... Ele entregou-se à morte por causa dos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação.

Hoje triunfa da morte e volta à vida, mas a uma vida imortal: e é para nós um motivo de alegria e satisfação, e de esperança para a vida eterna.

A ressurreição de Jesus é não somente o fundamento da nossa fé e da nossa esperança, mas também o modelo da nossa ressurreição espiritual: o que levou Tertuliano a dizer: um pecador convertido e reconciliado pela graça, deve ser um resumo, uma cópia do Salvador.

Mas em que consiste esta nova vida?... Em deixar o pecado, em morrer para todas as paixões e em viver só para Jesus... Mudança de vida verdadeira e completa: diz S.

Dr. Mário Botelho Gonçalves

Parte para o Caramulo na próxima segunda-feira, onde vai fazer parte do corpo clínico da Estância a convite do seu Director sr. dr. Jerónimo de Lacerda, o nosso amigo dr. Mário Botelho Gonçalves.

Dr. Josué Trocado

Tivemos o prazer de cumprimentar o ilustre professor do Liceu Pedro Nunes, sr. dr. Josué Trocado, que aqui veio acompanhado do mestre de cerimónias de Sua Rev.^{ma} o sr. Arcebispo Primaz, P.^o Miranda, e do sr. P.^o Alberto Braz, director do orfeão dos seminários de Braga, tratar de assuntos que se prendem com as comemorações centenárias. Visitaram o Castelo e estabeleceram o plano para

Paulo... renunciando à impiedade e aos desejos do mundo, para viver no século presente, com temperança, justiça e piedade na doce expectativa da bem-aventurança que esperamos... A isto chama também o Apóstolo saborear as cousas do alto e não as cousas da terra... despojar o homem velho e revestir o homem novo... De que nos serve, observa Santo Agostinho, sermos humilhados pela penitência se não mudarmos de vida?

E' necessário, pois, morrer para o pecado e é êste o lado negativo da nossa santificação — e vivermos, em seguida, a vida de Jesus — êste é o lado positivo.

Esta vida de santidade, vida de penitência, de mortificação, de renúncia e de amor por Jesus, é para nós, como foi para êle, uma condição essencial para chegarmos à feliz ressurreição e à eterna bem-aventurança...

Que motivo de consolação e de coragem para nós!...

Foi esta esperança que levou os mártires e os santos a praticarem obras maravilhosas.

Ao contrário, infeliz do que, apesar da paixão e ressurreição do Senhor, continua a servir-se do seu corpo para o pecado e recusa fazer penitência... Longe de ressuscitar para a vida eterna, como diziam corajosamente os Machabeus ao ímpio Antíoco, êles só ressurgirão para os eternos suplícios do inferno.

Vejamos o que escolhemos... Certamente é desejo nosso ressuscitar para a vida eterna, ter parte com Jesus na glória da sua ressurreição... Sendo assim, é conveniente advertir que devemos empregar os meios convenientes: vivamos desde êste momento para êle e sejamos diligentes, fiéis a todos os seus preceitos... Entre nós há ainda quem seja pecador, que se converta sinceramente que se apresse a ressuscitar, a começar nova vida. Só assim frutificaremos em toda a espécie de bons frutos e teremos firme esperança de ressuscitar gloriosamente com Jesus e com êle reinar eternamente. Amen.

(Thiriet).

a realização da missa da nacionalidade, ali rezada em Abril de 1940.

Doentes

Encontra-se doente na quinta de Vilar a sr.^a D. Maria Angela de Castro Meireles Botelho Gonçalves, esposa dedicada do sr. dr. Mário Botelho Gonçalves. Desejamos as suas melhoras.

O "Ressurgimento" cumprimenta os seus prezados colaboradores e assinantes e deseja uma Páscoa + feliz +

II. — Poema das Origens

A Lusitânia: a Terra e a Raça

por ANTÓNIO-LINO

No momento em que nos preparamos para comemorar o 8.º centenário da Fundação cabe bem lembrar os nomes e acção dos Mestres Martins Sarmiento e Alberto Sampaio, precursores do nosso nacionalismo. Aquêlê escreve o 1.º capítulo da nossa história nas pedras dos castros, assunto tratado no artigo anterior, A. Sampaio o 2.º capítulo, que termina com a formação da Pátria portuguesa.

* * *

Poema das origens! Deus fez a Terra. E a terra fez a Raça. Assim começava o poeta o cântico a Viriato. Poema das origens! — E em orgulho novo cantamos os heróis desse passado brumoso.

Deus fez a Terra — terra que é bem nossa, bem destacada do resto da península. Terra, que formando um quadro geográfico bem distinto, uma bem distinta civilização formou. A geografia humana o confirma. O meio, o clima, a estrutura dos terrenos, todos os fenómenos geográficos marcaram uma Raça; aquêles e esta, juntos, o conjunto de factores condicionais da história.

E a Terra fez a Raça — raça que a Terra distinta fez também distinta. Ao olharmos as cartas da Península dos diferentes fenómenos físicos, destacamos logo — coincidência estranha — o território português. É preciso notar que não falo em fronteiras-linhas, mas fronteiras-zonas. Este condicionalismo geográfico é factor importante na explicação duma raça, na formação duma Pátria.

Ainda as cartas peninsulares de antropogeografia nos apresentam manchas interessantes. E assim vemos, tanto nos fins do neolítico como em pleno eneolítico,

uma zona de dolmens, etc., marcando bem uma área que corresponde ao Portugal de hoje. Os grandes sábios estrangeiros chamam-lhe a cultura neolítica portuguesa. Sob outros aspectos e em diversos gráficos somáticos o mesmo acontece.

São estes dois factores — a Terra e a Raça — que mostram quem somos, explicam como apareceu Portugal, nos mantivemos nos vendavais da insânia, e porque sentimos, hoje, o orgulho do povo luso, a fé no passado e a esperança no futuro que será como nós quisermos.

A vincar mais a Raça lusitana, pátria em germen já, é notar a dificuldade que Roma encontra em conquistar a Lusitânia, luta que se arrasta por anos, comparando-a com a facilidade com que conquista o resto da península, a parte maior. E sendo assim, este rectângulo estava, nós estávamos, bem definidos dentro da Hispânia. A civilização castreja — que nem é ibérica nem céltica, mas anterior — confirma o nosso lusitanismo.

Se Martins Sarmiento escreveu o 1.º capítulo da nossa história, o 2.º foi escrito por Alberto Sampaio.

Viveram os lusitanos nos píncaros dos montes — águas altaneiras — que a pouco e pouco desceram, com a conquista romana, fixando-se nos vales, onde começaram a trabalhar a Terra. Com Vespasiano, considerados cidadãos romanos, são as antigas propriedades colectivas das citânias transformadas em uma nova propriedade jurídica — mas coincidindo com aquelas as — *villae*.

Numa destas *villas* — que resistiram através dos séculos à desagregação, chegando a nossos dias rotuladas de freguesias e coincidindo ainda — teve origem a velha *Vimaranes*.

Numa seqüência lógica caminhamos, desta maneira, das eras mais remotas, séculos além, e chegamos a um instante glorioso — o nascimento de Portugal. Acaba aqui o capítulo que Alberto Sampaio escreveu. Chega a vez da história escrita por Alexandre Herculano.

A' MARGEM

AGORA QUE ACABOU a guerra é interessante, para um conhecimento retrospectivo, rápido, analisar o esquema a seguir, que medeia entre a queda do governo do general Primo de Rivera à Revolta social de 1934 nas Astúrias:

1930:

28 de Janeiro — Queda do Ministério do general Primo de Rivera e nomeação do Governor Berenguer, que se propunha restabelecer a normalidade constitucional.

16 de Março — Falecimento, em Paris, do general Primo de Rivera.

12 de Dezembro — Sublevação de Jaca, pela qual foram condenados à morte os capitães Fermim Galán e Garcia Hernandez.

15 de Dezembro — Sublevação de Cuatro Vientos, dirigida pelo general Queipo de Llano e comandante Ramon Franco, que foram vencidos e se refugiaram em Portugal.

1931:

12 de Abril — Vitória da coligação republicano-socialista, em quasi todas as capitais de provincia, nas eleições municipais.

14 de Abril — Proclamação da República, às 9 horas, em Barcelona, por Companys, e, às 18 horas, em Madrid, por um Governo provisório presidido por Alcalá Zamora.

14 de Julho — Reunião das Cortes constituintes, formada por 117 socialistas, 54 radicais-socialistas, 26 da Acção Republicana, 89 radicais lerrouxistas, 11 do grupo «Ao Serviço da República», 22 progressistas, 17 federais, 43 catalães de Maciá, 37 independentes, 23 agrários, 16 galaicos e 15 vascos e navarros.

18 de Agosto — Abolição da pena de morte, que veio a ser restabelecida em 4 de Abril de 1934.

13 de Outubro — Formação do 1.º Ministério Azaña.

1 de Dezembro — Proclamação da Constituição da República.

10 de Dezembro — Eleição do Presidente da República, Alcalá Zamora.

15 de Dezembro — Formação do 2.º Ministério Azaña.

1932:

Janeiro — Agitadores políticos e grevistas, que haviam tomado várias cidades e vilas da Catalunha, são vencidos por uma expedição militar e refugiam-se nas montanhas.

15 de Fevereiro — «Greve» geral e graves actos de sabotagem em Barcelona.

Maio — Descoberta de «complots» revolucionários em Sevilha e Madrid e movimentos de agitadores sindicalistas e comunistas.

14 de Junho — Tentativa de insurreição monárquica e prisão dos generais Barrera e Orgas, do Barão de Mora e do comandante Merino.

17 de Agosto — «Greve» revolucionária em Granada.

14 de Outubro — Sublevação em Sevilha, do general Sanjurjo, apoiado por algumas forças de Madrid e Alcalá de Henares. O general foi preso, condenado à morte e depois a prisão perpétua e amnistiado dois anos mais tarde.

15 de Novembro — «Greve» dos mineiros asturianos e sérios conflitos entre eles e a força pública.

19 de Novembro — «Greve» geral em Sevilha.

5 de Dezembro — «Greves» revolucionárias em Valencia e Salamanca.

1933:

27 de Abril — «Greve» geral em toda a Espanha.

11 de Maio — Nova «greve» geral de 24 horas em toda a Espanha.

12 de Junho — Formação do 3.º Ministério Azaña.

27 de Julho — Reconhecimento do Governo dos Sovietes e restabelecimento das relações com a Rússia.

18 de Agosto — «Greves» em Madrid e Sevilha.

12 de Setembro — Formação do 1.º Ministério Lerroux.

1 de Outubro — Dissolução do Parlamento.

8 de Outubro — Formação do Ministério Martinez Barrio.

Verax.

(Continua na 6.ª página)

PROBLEMAS MUNICIPAIS

Ao-nosso jornal não podem deixar de interessar tôdas as questões que se prendam com o progresso do concelho. Aqui serão pois devidamente tratados todos os grandes e pequenos problemas da administração municipal que precisem de ser esclarecidos e de que o público deva tomar conhecimento.

Tratá-los-emos com toda a imparcialidade, sem qualquer espírito de partidarismo, a que somos intransigentemente alheios, e tendo em vista exclusivamente o bem da colectividade. O nosso primeiro cuidado será elucidar bem a quem nos lê, para que os problemas se tornem devidamente conhecidos e não seja possível deturpá-los, como tantas vezes tem acontecido. Nestas colunas só a verdade será proclamada e os nossos leitores poderão ter a certeza de que não trataremos dos assuntos, senão depois de estarmos bem informados.

A QUESTÃO DA LUZ

Está na tela da discussão a municipalização do fornecimento de energia eléctrica para a iluminação pública e particular e para força motriz de pequenas indústrias. O assunto tem apaixonado o concelho, que assim prova que reconhece a grande importância do problema. Bate-se com afinco contra a municipalização a firma ex-concessionária — Bernardino Jordão, Filhos & C.ª — que pretende obter

de novo a concessão do fornecimento, e para isso fez já propostas nas quais promete grandes reduções de preço.

Achamos naturalíssimo que a firma assim proceda, pois defender legítimos interesses não é somente direito de cada um, mas quasi constitue obrigação. Porém a persistência, a pertinácia, com que se lança na luta, pode mostrar a todos os munícipes o valor enorme dos altos interesses que estão em jogo.

Outro facto ainda é evidente. E' que, seja qual for a solução que o problema venha a ter, a deliberação de municipalizar estes serviços, já devidamente sancionada por Sua Ex.ª o Ministro do Interior, produziu logo grandes benefícios. Ninguém o pode negar. E' voz corrente que a firma Bernardino Jordão Filhos & C.ª vai já cobrar o consumo do mês findo pelos preços constantes da sua última proposta. Mas muito mais do que isso importa a própria proposta apresentada. Quem acredita que, sem aquela deliberação, se daria tamanha reviravolta? Não é preciso perguntar a quem se deve este benefício.

Os vimaranenses podem estar certos de que a Câmara, com o seu prestigioso presidente à frente, há-de continuar a defender criteriosa e intransigentemente os interesses do concelho e encontrará para este problema, como para os outros, a solução mais conveniente.

HISTORIANDO

A cidade de Guimarães há muitos anos que goza dos benefícios da iluminação eléctrica.

Foi a 24 de Setembro de 1901 que a Câmara concedeu, por escritura pública, à firma *Moon Longhlin & C.ª*, de Manchester, o fornecimento exclusivo de energia eléctrica para iluminação pública e particular e para usos industriais, durante o período de 30 anos, dentro do perímetro da cidade de Guimarães, com a faculdade de prorrogação por mais vinte anos.

Poucos anos depois, em Janeiro de 1908, a firma concessionária transferiu, com autorização da Câmara, os seus direitos para o sr. Bernardino Jordão. Em 1921 constituiu este a firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª para a qual passaram, por sua vez, também com a autorização camarária, todos os direitos da concessão.

Mas ainda anteriormente a esta data, em 1913, fôra prorrogado o período da concessão por mais 10 anos, e por outros 10 em 1919, este último em compensação das despesas que o concessionário teria de incorrer para fornecer energia eléctrica diurna, como fôra solicitado à Câmara por vários industriais.

Com estas prorrogações terminaria o prazo da concessão em 1951; sem elas devia findar em 1931.

Continuaremos.

DA LEGIÃO — e

Comemorando o fim da guerra de Espanha a Legião Portuguesa manda celebrar uma missa por alma dos "Viriatos"

Uma manifestação Promovida pela U. N.

Não podia o batalhão n.º 13 da L. P. esquecer nesta hora da vitória aquêles portugueses que nos campos de batalha deram a vida defendendo os princípios eternos da civilização cristã e ocidental. Por sua alma mandou rezar no p. domingo uma missa, celebrada pelo seu capelão, o rev. António Cândido Pires Quesado, no templo de S. Francisco. A assistência enchia por completo a majestosa nave da igreja.

Tôdas as autoridades da cidade se encontravam na capela-mór.

Em seguida dirigiu-se o batalhão para os Paços do Concelho, juntamente com a Mocidade Portuguesa, onde teve lugar a manifestação promovida pela U. N. A' chegada à Domus do batalhão, a banda da M. P., composta pelos filiados da of. de S. José, tocou o Hino Nacional, que foi saúdado, braço estendido, por toda a gente.

Duma das sacadas falaram os srs. tenente Moreira dos Santos, comandante do Bat. 13, professor Hugo de Almeida pela Legião Portuguesa e o sr. capitão Magalhães e Couto, ilustre presidente da Câmara Municipal, discursos que a seguir transcrevemos. Todos os oradores foram longamente ovacionados, erguendo-se no fim vivas à Espanha libertada, a Franco, a Salazar e a Portugal.

Discurso do sr. tenente Moreira dos Santos

Sr. Presidente da Câmara
Sr. Presidente da U. N.
Sr. delegado da L. P.
Meus senhores
Minhas senhoras :

E' solene êste momento para mim e para vós; para mim que venho cumprir um alegre dever de consciência e para vós que sentis afastada uma guerra de três anos de ao pé da nossa porta.

Mas se vos falo, não é para vos dar lições da arte da guerra, não é para vos descrever planos de batalhas, não é para vos inspirar o entusiasmo dos combates, não é para vos inculcar ideas de carnificina, não é essa a minha missão aqui, porque essas ideas lúgubres não se casam com o júbilo e contentamento, desta manifestação, e principalmente daqueles que acordaram com o alvoroço, ao som das músicas entoando hinos de alegria e de glória.

O motivo que me obriga a falar em presença de tam ilustradas pessoas, a quem sobremaneira dedico todos os meus respeitos, é para lhes dizer que o Batalhão da L. P. está aqui presente, para acompanhar a vossa alegria e satisfação.

Legionários:

Festejamos hoje aqui uma data, data de parabens para todos os Portugueses.

Terminou em Espanha a guerra do bem contra o mal; ganhou o bem; mas para ganhar, foi necessário que todos, soldados e legionários de Franco, tivessem uma grande moral e uma inflexível vontade de vencer, para

obter a vitória; êsses factores obedeciam ao grande amor da Pátria, unificada, engrandecida, e disciplinada.

A história repete-se, há mais de 100 anos os portugueses marcaram os seus nomes no interior de Espanha e da França, para defender a ordem ameaçada, contra a barbárie e a desordem.

Agora vêde ainda os Portugueses, marcando e registando os seus nomes gloriosos em terras de Espanha.

Esses Portugueses, que lutaram contra o comunismo Ibérico, no campo Espanhol, são aquêles que melhor e mais amam a sua Pátria, pois que a foram defender, antes mesmo de o inimigo chegar à fronteira. Esses valentes e denodados são os nossos queridos Viriatos.

Eles deram-nos a certeza de que consagram à Pátria um culto fervoroso.

Os seus votos, eram: obediência, abnegação, sacrificio da existência, cega e incondicional submissão, conformidade com a adversidade, desprezo pela vida, pela comodidade, e paciência para sofrer necessidades, para passar noites glaciais por sobre a terra humedecida.

Que estes exemplos vos sirvam, legionários, de incentivo ao vosso proceder e à vossa bravura.

Pois vós legionários, sois da mesma massa dêsses heróis dêsses arrojados e brilhantes servidores da Pátria, dêsses Viriatos que nos dão lições de fadiga, de grandeza de alma e de sacrificio, pela sagrada causa da Pátria.

Grandioso e nobre incentivo é êste para vós que, quaisquer que sejam os contratempos da vossa vida, jamais vos deveis desviar do caminho do dever, da seriedade e firmeza dos vossos actos, de dedicação e obediência aos vossos superiores e regulamentos.

E hoje, como sempre, fazei por imi-

tar o valor, a coragem, e o exemplo dêsses Viriatos e dos nossos antepassados, para não desmerecerdes a herança, os elogios e a fama que êles deixaram e transmitiram.

Só é verdadeiro legionário aquêle que milita, tendo por leme a disciplina, a honra, a obediência; aquêle que se não desvia desta verêda, recamada de virtudes, tem por recompensa o bom nome, tem por prémio a glória, e jus a ser considerado Português e legionário de lei.

Legionários do 13:

Se um dia a Pátria agredida vos chamar a socorrê-la, correi pressurosos e com denôdo em seu auxílio; em cada peito vosso encontre ela uma muralha, um forte inexpugnável; vertei por ela a última gota de sangue, mostrai a seus inimigos quanto vale um verdadeiro coração de legionário Português, quanto vale a razão, a disciplina e a honra, mostrai que os legionários de hoje têm o mesmo valor e bravura que êsses que outrora pelejaram tam gloriosamente ali em cima na defesa do seu castelo.

Temperai as vossas almas nestes exemplos, e se um dia a Pátria vos chamar, vinde em acelerado, porque aquêle, que primeiro morrer por ela, é aquêle que melhor a soube amar.

*

Discurso de H. de Almeida

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal, ilustre representante do Governo da Nação, presidente camarário das Festas Centenárias, como muito bem frizou o erudito Presidente da Comissão Executiva, Dr. Júlio Dantas e de quem Guimarães tanto espera.

Legionários.
Povo de Guimarães!

Um frémito de alegria percorre Portugal de lés a lés.

A capitulação dos últimos redutos vermelhos, ante a valentia dos soldados de Franco, suscitou aos portugueses ruídosas manifestações de júbilo.

Porque a vitória de Franco representa o triunfo da nossa civilização latina e cristã, sobre o barbarismo eslavo, despótico e sanguinário, não podiam, também os vimezanenses deixar de manifestar o seu caloroso regosijo.

E' a vitória do espírito cristão, expressão de amor, sobre o comunismo, satânico e escravizador.

Na defesa da civilização cristã, sempre portugueses e espanhóis andaram aliados.

Se o cristianismo, nascido num recanto da Asia, avassalou os continentes, foi, no entanto, nas proas das naus portuguesas e espanholas que, em plena Renascença, êle se chegou e se espalhou no Novo Mundo.

Já alguns séculos antes, no período da Idade Média, portugueses e castelhanos se uniram nas batalhas de Navas de Tolosa e Salado, para combaterem os infiéis, o inimigo comum.

Foi em obediência a estas lições da

História que em Portugal, logo no princípio da guerra espanhola, se colocou, moral e doutrináriamente ao lado de Franco e, pela voz autorizada de Salazar, denunciou, perante o mundo democrático, surdo aos ditames da razão, o carácter dessa luta: uma batalha internacional, de ideologias, num campo nacional.

Mas, para além do apoio moral e doutrinário os portugueses, quiseram, em subordinação ao imperativo da sua consciência, cooperar com a sua bravura lusitana, com o seu sangue rútilo, com a sua alma e o seu corpo na causa de Franco, para que da península, fôsse varrido o comunismo, cujos gritos de ódio selvático feriam dolorosamente a nossa sensibilidade cristã, formada numa religião de paz e de amor.

Numa evocação do heroísmo ancestral da gente lusa, êsses Bravos de Portugal baptizaram-se com o nome de Viriatos.

Na História da guerra ao comunismo em terras de Espanha «Os Viriatos» escreveram com o seu sangue páginas de fulgurante beleza, nimbadas pelo mais puro idealismo.

O povo da cidade de Guimarães assistindo a uma missa por os portugueses tombados no solo espanhol, em holocausto à nossa civilização, dignificou-se e prestigiou-se.

Senhores!

Colhamos, do gesto dos «Viriatos», uma lição de dedicação à causa da Pátria.

Expressemos em todos os actos da nossa vida, o sentimento que nos inspirou a participar na solenidade religiosa que acabais de assistir.

Nesta hora de ressurgimento pátrio, exaltada pela derrota do comunismo na península, afirmemos em face da nossa consciência, a decisão inabalável de promovermos a completa integração de Portugal na doutrina do Chefe.

Lembra-vos que entre comunismo e nacionalismo corporativo, não há posições intermediárias.

Felizmente que a luz da verdade diluiu tôdas as sombras, demoveu os tímidos, aqueceu os incrédulos, afugentou os relapsos, para apenas luzir, no brilho dos nossos olhares, uma palavra cuja ressonância faz vibrar todo o nosso ser, num frémito de patriotismo.

Esse nome símbolo de uma Pátria Restaurada, de um Portugal respeitado e dignificado no concôrto das nações, é Salazar.

Salazar é o timoneiro firme e sereno da nossa Pátria, neste mar tempestuoso da política europeia.

Franco tem em Salazar, no campo das ideas, o mais valioso cooperador da derrota do comunismo que, para sempre, derruiu, de encontro à muralha de fé da nossa civilização cristã.

Viva Salazar.
Viva Franco.
Viva Portugal.

(Continua na 6.ª página)

DA MOCIDADE

Mocidade Portuguesa

As maiores datas de Portugal como Pátria, como Estado Independente vão ser comemoradas no próximo ano. Uma, evocará a fundação de Portugal já velho dos seus 800 anos; outra celebrará a Restauração do trono português, proclamada há 300 anos.

As comemorações destes já remotos e gloriosos acontecimentos vão ser festejadas com brilho e com extraordinária grandeza.

¿Na verdade, haverá Estado algum no Mundo que, como Portugal, não se possa orgulhar de tam grande existência? ¿Haverá Estado algum que não tenha passado por variadas modificações? Há sim, e não são poucos!

E Portugal?

Desde o dia remoto e longínquo em que D. Afonso Henriques se proclamou Rei de um Estado livre, se o nosso território sofreu modificações foi simplesmente para se formar cada vez maior, cada vez mais digno da veneration do Mundo.

Não faltaram porém as cobiças dos vizinhos, as arremetidas dos estranhos transformadas em grandes lutas.

Mas ante o pasmo do Mundo inteiro, sempre vitoriosos, mantivemos o que era nosso e dando sempre ao Mundo mostras de uma grande alma em tam pequenino território.

E' que, para sermos vencidos, era preciso que não fôssemos portugueses, não constituirmos uma família enorme, unida e indissolúvel e precisavamos de não ser no Mundo uma raça.

Uma vez porém foi o povo português ocupado por monarcas hespanhóis. Sessenta anos apenas admitimos essa experiência.

Não nos servia. Portugal é dos portugueses, e não é mais nada, nem nada mais precisa de ser.

Proclamamos pois um rei nosso e continuamos independente. Faz três séculos daqui a um ano em 1940.

Tam longa existência, com tam gloriosa História, se é para nós uma Honra, é para os outros um grande espanto.

Para satisfação nossa vamos comemorar com brilho incomparável esses dois marcos fundamentais da nossa grandeza e para isso é preciso que nos entreguemos unicamente à sensação gloriosa de nos sentirmos filhos de Portugal.

Rapazes da Mocidade, somos nós mais que todos que devemos pôr os olhos no presente e antevermos o futuro.

Se queremos continuar a manter as nossas tradições e a nossa tam significativa História é preciso que sejamos, mais do que nunca, de hoje para o futuro, mais dignos do nome de Rapazes da Mocidade Portuguesa.

E' em nós que a Pátria confia e em nós que está o futuro.

Nas vésperas pois de tam belos dias recolhemo-nos um pouco a meditar. Hão-de vir estrangeiros, esquadras, embaixadas e missões. Realizar-se-ão discursos e exposições. Pelo jornal, e pelo rádio mostraremos ao Mundo a força do nosso Génio ao fim dos oitocentos anos de vida. As festas verda-

Vida ao ar livre

Tendo por fim preparar a gente moça para o Duplo Centenário da Nacionalidade que para o ano deve ter começo em Guimarães, tomou o sr. dr. tenente Gomes dos Santos a iniciativa de realizar um acampamento nos arredores desta tam veneranda cidade.

Nós, a mocidade desta terra, não esqueceremos esta honra que Sua Ex.^a nos dá; é necessário que saibamos corresponder-lhe. Precisamos para isso dar-lhe todo o nosso apoio, para que desta idea em embrião nasça uma realidade.

A realizar-se — realiza-se — virão de Lisboa, com o sr. tenente Gomes dos Santos, um grupo de rapazes do C. P. E. e de M. P., acampar, juntamente, com os rapazes daqui, em lugar já escolhido onde se passarão umas férias agradáveis e úteis, física e espiritualmente.

A gente moça não é vencida pelo comodismo ou desleixo. E' preciso o esforço de todos, a boa vontade de todos.

Está na nossa mão fazer com que esses que ainda não sentiram a alegria saudável da vida ao ar livre, provem as suas delicias, inculir-lhes o gosto pela natureza e entusiasma-los no amor pela vida de campo, tirando-os do café e da crítica destrutiva que deixarão aos velhos e aos falhados.

E todos nós, irmanados pelo mesmo ideal, saibamos levar a cabo tódas as empresas — para a mocidade não há obstáculos — pois quanto maiores são as dificuldades a vencer, maiores serão também o prazer e a alegria de as ter vencido. E, para mais, sabendo que têm por finalidade o nosso bem e a nossa felicidade.

A. C.

O Presente quasi não existe. O nacionalismo, como dissemos, tem grandes deveres para com o futuro. Eles impõem-nos para o seu bom cumprimento que cuidemos da afirmação das novas gerações — preparando as na disciplina, no civismo, no culto da história, no amor da Pátria.

Angelo CESAR.



A democracia, o socialismo, o liberalismo, a maçonaria, acabaram. Já nada dizem às gerações novas.

MUSSOLINI.

deiramente são nossas porque vão viver de contentes os nossos corações.

A festa para cada um de nós é o orgulho, a satisfação, a alegria de nos sentirmos, de sermos Portugueses!

ALEX

Reivindicações Coloniais

Fôlha de doutrina para cadetes.

¿O que se deve entender por reivindicações coloniais?

1.º — **Reivindicações colonias:** — São os pedidos, mais ou menos categóricos que certos Estados formulam ou para voltarem a possuir colónias que perderam, ou para adquirirem colónias que nunca tiveram, ou, finalmente, para aumentarem as colónias que lhes pertencem.

Como o Mundo já não tem territórios desocupados, as reivindicações incidem, necessariamente, sobre colónias já legalmente constituídas, e só poderão assim efectivizar-se, ou pela cedência diplomática dessas colónias, feita pelos Estados que as possuem, ou, na falta de consentimento, pela guerra.

2.º — **Estados que reivindicam colónias:** — Depois da Grande Guerra, o Estado que mais categoricamente reivindicou colónias foi a Alemanha. Posteriormente, no intuito de aumentar o seu império colonial, lançou-se a Itália na conquista da Abissínia. Conquistada esta, declarou ao Mundo pela boca do Chefe do seu Governo — Mussolini — *que tinha inteiramente satisfeito as suas aspirações coloniais.*

Recentemente, porém, por campanhas nos jornais e manifestações nas ruas, começou a formular maiores aspirações.

Estas dizem principalmente respeito à Corsega — francesa desde pouco antes do nascimento de Napoleão — à Tunísia, vizinha da Líbia, e a Djibouti, pôrto que serve a capital da Abissínia.

3.º — **Causas de reivindicações:** — Os direitos históricos, como fundamento da posse de colónias desapareceram na Conferência de Berlim de 1884 e foram substituídos pela necessidade da ocupação efectiva. Depois da Guerra, ocupados efectivamente todos os territórios, colonizáveis, perdeu a Alemanha as suas colónias.

A principal causa das reivindicações coloniais, da Alemanha, cifram-se hoje, não na ocupação efectiva, que perdeu, mas nos *direitos históricos*: — isto é, no facto das colónias que reivindicam terem já sido suas. Reivindica, portanto, o que considera ter-lhe sido tirado abusivamente, ou, conseqüentemente, o que ainda considera seu.

A' causa apontada uma obra se junta, que é defendida simultaneamente pela Alemanha e pela Itália. Essa causa reside no aumento cada vez maior das respectivas populações, aumento que se traduz no dever de as alimentar e empregar, e, portanto, no direito de alargar o seu território e a sua riqueza, de forma a garantir a todos os seus nacionais o mínimo de vida de que necessitam. (Esta teoria é mais do que discutível).

4.º — **Efeitos que podem ter as reivindicações coloniais:** — Estes efeitos são de duas ordens, segundo se considere apenas e isoladamente o problema alemão, ou se considere também o problema italiano. Será, portanto, quanto ao problema alemão:

a) — ou a cedência amigável das an-

tigas colónias alemãs por parte dos Estados que actualmente as possuem;

b) — ou o concôrto daqueles Estados com a Alemanha para que lhe sejam concedidas outras colónias — holandesas ou belgas, por exemplo — *o que não se conseguiria sem guerra;*

c) — ou, finalmente, a conquista pela Alemanha do seu império colonial — o que também traria a guerra como conseqüência.

Quanto ao problema italiano, a única conseqüência previsível é esta: um concôrto com a Alemanha e com mais qualquer Estado não colonizador, para uma nova distribuição colonial. Neste caso a guerra parece também inevitável.

De todos os efeitos que apontamos, só um pode evitar a guerra: — A cedência amigável do antigo império alemão, por parte da França, Inglaterra e Japão.

Dissemos também já que, para Portugal, este problema é de importância capital. Velho país colonizador, proprietário, ainda hoje, de um dos melhores impérios coloniais do Mundo, a sua situação é invejada e as suas colónias são para muitos inesgotáveis fontes de apetite e cobiças.

Na partilha eventual que se pretendesse realizar ou uma nova partilha colonial *seria o império português indubitavelmente o mais apetecido* — já pelo seu grau de desenvolvimento, já pela sua situação geográfica, já pela sua importância económica, já pela sua grandeza.

A hipótese do desaparecimento ou diminuição das nossas colónias não pode, porém, nem ser encarada, nem ser admitida. Primeiro, porque as nossas colónias não são nossas: — são dos nossos avós que as conquistaram, dos nossos pais que as fizeram e hão-de ser dos nossos filhos que ainda mais as hão-de engrandecer. Nós somos, apenas, em relação a elas os fieis depositários dum bem imenso que se deve guardar e defender e melhorar e aumentar. Segundo, *porque não poderíamos viver independentes, sem elas. Toda a nossa importância do Mundo, todo o nosso passado e todo o nosso futuro estão no império colonial.* Por êle fomos grandes e fizemos no mundo maravilhas; por êle pesamos no mesmo mundo não como um pequeno país, perdido no ocidente da Europa, mas como uma das maiores potências coloniais, raça extraordinária e forte que vive independente e segura, em todos os climas e em tódas as latitudes; por êle continuaremos a afirmar a grandeza do nosso génio e a immortalidade da nossa vida — campo aberto a tódas as actividades, a tódas as ideas e a tódas as realizações.

O nosso império colonial é sagrado.

Ligam-nos a êle cinco séculos de história, imenso sangue glorioso, tra-

(Continua na 7.ª pág.)

DA LEGIÃO

(Continuação da 4.ª página)

Discurso do Presidente da Câmara

Legionários!
Povo de Guimarães!

Acabamos de agradecer a Deus a Vitória da verdadeira Espanha, da Espanha cristã e católica contra os bárbaros do Oriente.

Durante anos tudo foi profanado em Espanha desde a inocência da criança à sepultura dos finados.

Cometeram-se as maiores violações, torturaram-se inocentes, desprezaram-se os mais vis ensinamentos, postergou-se completamente a Moral e a Justiça; a Espanha afundara-se num mar de sangue e lama.

Franco levanta-se, empunha a bandeira de uma nova cruzada e leva atrás de si a fidalga e generosa juventude espanhola.

A política internacional — vergonha do nosso tempo — desconhece os crimes do marxismo russo e mede pela mesma bitola assassinos e Heróis. Honra a Portugal, honra a Salazar que desde a primeira hora marca a nossa posição e jamais precisa de mudar de atitude.

E' pela Espanha, é pela Civilização, é pela Moral, pela Honra, pela Justiça, pela Ordem, pela Autoridade, pela Pátria, por Deus, contra o internacionalismo, contra o marxismo criminoso e ateu, contra a deshonra, contra tôdas as injustiças, contra o crime.

Diante de Portugal e Espanha de novo se estende um comum e brilhante futuro que o mesmo milagre de ressurreição iniciou.

Legionários! Povo de Guimarães! Levarei junto do Governo, junto de Salazar — o nosso grande chefe — o vosso e meu entusiasmo e o calor das vossas saudações. Neste dia da Vitória como um vibrante toque de clarim anunciando o triunfo, soe por toda a parte o nosso grito:

Viva Portugal!
Viva a Espanha!
Viva Carmona!
Viva Franco!
Viva Salazar!

*
«Ex.º Sr. Ministro do Interior
— Lisboa

Legião Portuguesa, numerosa representação todos valores Guimarães, reunidos junto da Câmara Municipal aclamaram vibrantemente Portugal e Espanha sinal regosijo vitória nacionalista saudando todo governo pessoa ilustre V. Ex.ª.

Respeitosos cumprimentos

Presidente da Câmara,

José Magalhães e Couto.

*
«Ex.º Sr. Dr. Oliveira Salazar
— Lisboa

Legião Portuguesa, União Nacional, grande multidão de povo vibrando de entusiasmo vitória nacionalista ovacionaram glorioso nome V. Ex.ª orientador política verdade e engrandecimento Portugal.

Receba V. Ex.ª meus efusivos cumprimentos.

Presidente da Câmara,

José Magalhães e Couto.

*
«Governador Civil — Braga

Acto manifestação regosijo vitória. Espanha promovida União Nacional saúda vossa Excelência Governo País

O Presidente,

Fernando Aires.

*
«Presidente Ministério — Lisboa

Comissão União Nacional Guimarães tendo promovido manifestação regosijo vitória civilização Espanha saúda em Vossa Excelência Revolução Ordem

O Presidente,

Fernando Aires.

*
«Conselheiro Albino dos Reis — Largo Trindade Coelho 21 — Lisboa

Acto manifestação regosijo vitória Franco promovida Comissão Concelhia União Nacional Guimarães, saúda em Vossa Excelência Comissão Central

Fernando Aires.

Santuário da Penha

Todos têm contribuído para a construção dum santuário na Penha, sendo coroados de êxito os esforços que as várias comissões angariadoras têm tido.

Começaremos hoje a publicar as listas dos donativos.

José Gilberto Pereira . . .	300\$00
Dr. Leopoldo Martins de Freitas	400\$00
Comissão de Festas do Carnaval	252\$40
D. Maria Jesus da Costa Sampaio	200\$00
Eduardo L. Jordão	15\$00
João Lopes de Faria	20\$00
D. Joaquina da Luz Teixeira Egídio Alvaro Marques	100\$00
Manuel Martins Fernandes	50\$00
Alberto da Cunha e Castro	100\$00
D. Angélica Baptista de Faria e Filha	100\$00
D. Beatriz Pereira	20\$00
Teixeira de Abreu & C.ª	100\$00
Empregados de T. de Abreu	60\$00
José António Pereira	200\$00
Emília de Oliveira Meira	100\$00
D. Maria Cristina	30\$00
D. Maria Mendes Oliveira Salgado	100\$00
Castro, Couto, Ribeiro & Cunha, Ltd.ª	200\$00
Dr. Alberto Rodrigues Mi-lhão	100\$00
D. Maria Carlota	10\$00
José Fernandes	20\$00
José Francisco Ribeiro	20\$00
D. Leonídia Fernandes	50\$00
Manuel C. Martins	10\$00
Augusto José Borges	10\$00
José Teixeira dos Santos	50\$00
Dr. João Gualberto Galvão Salustiano Abreu	20\$00
Empregados da Cooperati-va Económica	10\$00
Dr. Isaías Vieira de Castro	30\$00
D. Maria de Lourdes Tei-xeira Carneiro	10\$00
Francisco Teixeira Mendes	20\$00

A' MARGEM

(Continuação da 3.ª)

10 de Novembro — Eleições de deputados que dão ao Congresso o seguinte elenco: 80 agrários, 11 nacionalistas vascos, 11 tradicionalistas, 67 da Acção Popular, 14 independentes, 78 radicais, 23 catalães, 14 republicanos conservadores, 9 liberais democráticos, 1 progressista, 6 republicanos galegos, 23 da Esquerda Catalã, 27 socialistas, 5 da Acção Republicana, 1 radical-socialista, 2 radicais independentes, 1 federal e 1 da União Socialista Catalã.

16 de Dezembro — Formação do 2.º Ministério Lerroux, em consequência da vitória eleitoral das direitas.

1934:
24 de Janeiro — Reconstituição do Ministério Lerroux.

3 de Março — Nova reconstituição do Ministério Lerroux.

17 de Março — Agitação sindicalista, actos de terrorismo e de sabotagem em Madrid.

29 de Abril — Formação do Ministério Samper.

Agosto — Conflito entre o Governo e as municipalidades vascas.

8 de Setembro — Lutas sangrentas em Madrid, com muitos mortos e feridos, por motivo da proclamação da «greve» geral.

4 de Outubro — Formação do 3.º Ministério Lerroux.

14 de Outubro — Revolução social nas Astúrias, com actos de terrorismo que durante seis dias alarmam a Espanha e causam milhares de vítimas.

Joaquim de Sousa Pinto	300\$00
D. Beatriz da Silva Ribeiro de Lacerda	25\$00
D. Maria da C. Leite	40\$00
D. Rosa Alves	50\$00
Dr. António do Amaral	20\$00
Antão de Lencastre	10\$00
Castro, Soares & C.ª, Ltd.ª	20\$00
Belmiro Mendes de Oliveira	250\$00
Dr. Joaquim Augusto de Barros	100\$00
Donativos inferiores a 10\$00	146\$10
D. Madalena Barreira Pe-reira	50\$00

(Continua.)

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35A	7,50	8,00A	8,15
8,05	8,20	8,30F	8,45
8,20B	8,35	9,00B	9,15
12,00C-G	12,15	12,30C	12,45
16,30B	16,45	17,15B	17,30
19,15D	19,30	19,30D	19,45
20,35E	20,50	20,55E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.
G — Efectuam-se de 16 de Novembro a 14 de Junho. Não se efectuam aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35C	14,30	12,30C	14,25
18,20A	20,15	17,00A	19,05
		18,30B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectua aos Domingos.

O SONHO DA ÍNDIA

AFONSO DE ALBUQUERQUE

A Epopeia duma Raça!

por

ELAINE SANCEAU

TRADUÇÃO DO

Dr. JOSÉ F. DOS SANTOS

Reitor do Liceu M. Sarmento

Livro que acaba de aparecer

: : : editado pela : : :

Livraria Civilização

Crítica e críticos

UMA PAZ INCERTA...

Entre as características da época e da geração últimas figuram não apenas o excesso do espírito crítico, mas a importância e significação atribuídas ao papel da crítica. Quer sob o ponto de vista político, quer sob o ponto de vista literário e artístico, a mentalidade do fim do século passado e do começo do século actual scfreu duma verdadeira mania de «julgar» e duma verdadeira hipertrofia do senso da análise.

O exagêro das faculdades críticas produz-se sempre em detrimento das faculdades criadoras. Mas, mesmo desprovida dos seus excessos, até que ponto a crítica, cujo papel social e espiritual é historicamente recente, pode e deve considerar-se um elemento útil e ponderador? Em tôda a crítica há um elemento pessoal e subjectivo que a torna contingente e precária — e um elemento geral e humano, que a torna uma expressão de cultura. A crítica, na proporção em que é interpretativa, em que compara, selecciona, arruma ideias, filia tendências, explica e objectiva os factos, exerce uma excelente função de hierarquia intelectual e de disciplina mental. Mas a crítica sempre que de elemento secundário que é se transforma num objectivo primário, e se arvora em árbitro e em mentor, torna-se dissolvente e corrosiva.

A geração precedente sofreu dum verdadeiro despotismo crítico, cujos reflexos ainda hoje se fazem sentir. Essa espécie de acidez espiritual, que constituiu a doença dos últimos cincoenta ou sessenta anos, foi, em grande parte, devida ao papel que a crítica, sob todos os seus aspectos, assumiu na formação da mentalidade do nosso tempo e até nos nossos costumes.

As faculdades íntimas, originais, espontâneas e produtivas do homem foram sufocadas por essa verdadeira vaga de auto-inspecção, de dissecação moral, de intimidação do esforço e da personalidade. O entusiasmo, a fé, a audácia, a própria acção foram esmagados pelo cepticismo crítico, pelo receio do ridículo, pelo espírito de censura e de catálogo, pela etiqueta, por um nivelamento absurdo de tôdas as ideias, de todos os estímulos e valores humanos. O homem só cria no entusiasmo ou na fé. Tôda a acção que anule ou reduza essas límpidas e ardentes fontes do espírito é anti-intelectual e anti-social.

A literatura e a política do século passado são essencialmente críticas. O naturalismo transforma o romance em crítica social. A própria falsa ideia da função social da arte é uma ideia crítica. A política torna-se oposicionista e polémica. A última metade do século XIX é, sob este aspecto, uma época sem imaginação criadora. E é tempo de afirmá-lo sem pudor: a imaginação é a primeira e mais fecunda qualidade da inteligência.

Observação interessante e, à primeira vista, paradoxal: a imaginação é uma qualidade muito mais nórdica do que meridional. A literatura de imaginação é um produto muito mais dos países do Norte do que dos povos meridionais. As literaturas italiana, portuguesa ou espanhola são líricas ou dramáticas, mas, em regra, inferiores como expressão imaginativa. Os melhores romances de intriga são ingleses, franceses, americanos e alguns alemães. Acontece, sob este aspecto literário, o mesmo que acontece sob o aspecto oratório. O hábito e o abuso

Utópico ou injusto êsse Tratado de Versalhes, tido pelos optimistas como a apoteose final do grande drama europeu. A guerra desencadeada em 1914, tam fundamente revolucionária, não podia ser resolvida pelo artificioso codicilo dos quatorze pontos de Wilson. Os tracistas da paz julgaram e resolveram para aquêlo momento apenas, sem perspectivar num grande plano as suas linhas, e tudo saiu limitado, efêmero e perigoso. A preciosa Galeria dos Espelhos foi antes o laboratório onde se prepararam as culturas bacilares de outras guerras, e por isso nós temos vivido num ansioso estado, sob a iminência constante de uma apocalipta deflagração que pode ser não apenas a decadência mas o verdadeiro afundimento do Ocidente. Keynes, no seu livro «As consequências económicas da Paz», tinha razão quando escrevia nessa hora confiada o seu estudo «A Europa após o Tratado» com um capítulo «feito de pessimismo».

Das bandas do levante, a onda comunista ameaçava alastrar: era uma avançada destruidora, verdadeiramente o pesado e gigantesco cilindro russo que não chegara a rolar sôbre a terra sangrenta. Focos nilistas se formaram na Europa mantidos de Moscovo pelos que se diziam apóstolos de uma nova verdade, e daqui nasceu a necessária reacção para combater a ideologia perigosa, tam facilmente contaminadora. A Itália, a Alemanha e Portugal reagiram a tempo, mas noutros países as frentes populares constituídas para salvar a República iam traindo a própria pátria com realização de programas anti-nacionais.

A paz continuará ainda incerta: a revisão dos princípios em que ela assentou não se fez a tempo...

AARÃO DE LACERDA.

(De O Comércio do Pôrto).

«Por mais longe que vá a nossa tolerância perante as divergências doutrinaes que em muitos pontos dividem os homens, nós somos obrigados a dizer que não reconhecemos liberdade contra a Nação, contra o bem comum, contra a família, contra a moral.»

SALAZAR.

da eloquência, isto é, da imaginação verbal, são muito mais em voga nos países setentrionais do que no Sul, ao contrário da lenda estabelecida. Nunca na minha vida tive de ouvir tantos discursos como na Inglaterra.

¿Porque é que, ao contrário, a hipertrofia crítica, a epidemia da divergência, o exagêro do espírito de exame se tornaram sobretudo vícios meridionais? O certo é que uma das causas do descrédito e do desprestígio das democracias provém do hiper-criticismo político em que caíram. Nos países que uma mais profunda formação espiritual salvou do hiper-criticismo a democracia resiste ainda. Veja-se a Inglaterra, a Suécia, em geral os países nórdicos. Nos países em que o excesso crítico domina, a democracia, minada por êsse vício fundamentalmente anti-criador, cai na inacção, na desordem, na divisão e só os regimes de autoridade, isto é, os regimes anti-críticos, salvam a nação e o Estado.

(De A Noite, de 25-3-39)

As primeiras bênçãos do novo Papa são para Portugal!

Ao pisar terra portuguesa, no regresso da sua viagem a Roma, onde fôra tomar parte no conclave que elegeu Sua Santidade Pio XII, o Sr. Cardeal Patriarca disse aos jornalistas palavras que nos calaram no coração e nos comoveram profundamente. Aqui as registamos para que aquêles dos nossos leitores que acaso as não conheçam, possam experimentar a mesma alegria e comoção que nos inundou a alma. Eis as palavras de Sua Eminência:

«Trago uma grande missão comigo; confiou-ma o Santo Padre no momento mesmo da sua eleição.

Foi um movimento espontâneo da sua parte, pois eu não ousaria, naquela hora, pedir o que Sua Santidade, magnificamente, quis dar-me.

São as primícias das suas bênçãos. O Vigário de Cristo abriu o seu grande coração e deixou-o falar para mim e para Portugal.

As suas primeiras palavras confirmou-as depois, por mais de uma vez, e outras ainda me deu a meu pedido, como, por exemplo, as carinhosas bênçãos especiais para os generosos bemfeitores dos seminários.

Após a sua eleição, ainda revestido dos hábitos cardinalícios, depois de um momento de intensa emoção que domina todo o Sacro Colégio, Sua Santidade, que se recolhe em oração, exclama consigo: Senhor, tende piedade de mim!

Como já alguns Cardiais se dirigissem para o Vigário de Cristo a pedir-lhe bênçãos particulares, dignou-se voltar-se para mim, que o precedia imediatamente, e dizer-me, todo tremulo ainda, enquanto me abraçava:

Neste momento quero exprimir os meus melhores votos e dirigir as minhas bênçãos para Vossa Eminência, para o seu clero e Seminários, congregações religiosas, obras católicas e fiéis; para Salazar, que tanto tem trabalhado e feito pelo seu país; diga-lhe que o abenço de todo o coração e faço os mais fervidos votos por que possa levar a cabo a sua obra de restauração nacional, tanto material como espiritual; para todo o Episcopado: sabemos como tem trabalhado pela restauração religiosa de Portugal; afirmo-lhe o nosso aprêço e fraterna afeição; para todo o Portugal, com o seu ilustre Chefe de Estado à frente, essa nobre nação que tanto fez pela dilatação do Evangelho e da civilização e que esperamos há-de continuar as suas tradições cristãs no continente e nas colónias tornando-se, outra vez, uma grande nação missionária».

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50

Êste número foi visado pela Comissão de Censura

A Comissão Concelhia da União Nacional

Saúda *Ressurgimento* na hora do seu ingresso nas hostes da Nação.

E Saúda-o com júbilo e carinho porque *Ressurgimento*, forte de mocidade e ideal, como se afirma e disciplinado como saberá mostrar-se, não é apenas um Soldado a mais: é também uma esperança; é também uma certeza.

O seu ardor combativo, a sua foga juventude — que hão-de enquadrar-se na mais perfeita e severa disciplina, não cavando divisões nem alimentando discórdias, mas visando antes o cerrar das fileiras em redor das ideias unas de Nação e Pátria — são para nós e para todos uma esperança; a fôlha de serviços dos homens que o criaram e o servem é para nós e para todos uma certeza.

«Sob o signo da Verdade» — como o coloca um dos seus colaboradores que se adivinha já, sem desprimor para os outros, dos mais valiosos, serenos e cultos — *Ressurgimento* será um obreiro da Reconstrução em que todos andamos empenhados, sugerindo realizações, demonstrando vantagens, conglomerando esforços, lavado, honesto, prudente, preferindo as obras às palavras, os exemplos às críticas e erguendo, acima de tudo, bem alta, para que a vejam, a lembrem e a sigam, a Bandeira da Pátria.

Ressurgimento que é mais um dos nossos e dos melhores entre os nossos, terá sempre presente — ficamos certos — que ainda estamos poucos e mal integrados naquele ascetismo da virtude e do dever que há de ser um dia, para glória de Portugal, o clima da nossa vida cívica; e que só o nosso esforço para mais e melhor, paciente, constante, convicto e amigo, e o tempo, acabarão por conseguir que estejamos todos — nós e os que ainda faltam. Guimarães, 6 de Abril de 1939.

Fernando Aires,

(Presidente da Comissão Concelhia da U. N.)

*

Agradecemos à U. N. as amáveis saudações que nos dirige e garantimos-lhe que saberemos cumprir indefectivamente as directivas traçadas por Salazar no célebre discurso da Sala do Risco e pelas quais nós, que trabalhamos nesta trincheira, há muito orientamos a nossa actividade de nacionalistas. O nosso passado é o melhor penhor de garantia da Grei que defendemos.

Reivindicações Coloniaes

(Continuação da 5.ª página)

balho incomensurável, sacrificios sem conta. Tôda a transacção que se pretender fazer com êle, representará para nós a guerra, inevitavelmente, indiscutivelmente. Para que ela resulte e não seja apenas um sacrifício glorioso mas inútil, precisamos todos nós portugueses, de nos unirmos mais, de cimentarmos ainda mais a nossa fé na Eternidade de Portugal.

Ou todos juntos na Obra formidável de engrandecimento pátrio (Continental ou Colonial), ou todos mortos na defesa suprema da Pátria, da Honra, da Raça.

O dilema não pode ser outro.

A CIDADE

As responsabilidades das cidades em questões de estética urbana são proporcionais à beleza que encerram, — ao valor do património herdado.

Tivemos a ventura de receber uma das mais encantadoras terras de Portugal, cheia de carácter, repleta de valores artísticos e históricos.

Mesmo abstraído dos altos padrões, considerados monumentos nacionais, Guimarães tem a cada canto aspectos e obras de arte absolutamente emocionantes e a que nós, já habituados a encontrá-los, não damos o devido apêço.

Torna-se necessário delimitar o bairro antigo (Oliveira, praça de São Tiago, rua da Rainha...), reintegrá-lo no seu aspecto primitivo, e inventariar todos os valores artísticos semeados por essas ruas, enquadrando-os em cenário apropriado e conservando-os carinhosamente.

Vêlhos solares, pedras de armas, cruzeiros, curiosas grades e janelas, certos recantos pitorescos, são verdadeiros monumentos municipais e, como o que são, devem ser tratados.

Se, porém, analisarmos em confronto com estes valores a obra da nossa geração e das que pròximamente nos antecederam, logo vemos como tem sido mesquinha e infeliz no campo da arte de construir.

Não há, na Cidade, uma única obra dos séculos XIX e XX, como beleza e carácter!

Os homens, mesmo na nossa terra, perdida a fé em Deus e nos altos destinos da Pátria, não foram mais capazes de elevar as suas construções à beleza, tantas vezes simples e pobre, das anteriormente erguidas.

Os edificios que rodeiam os malfadados Paços do Concelho e esse outro que ergueram agora no Toural — uma das mais belas praças da província — são exemplos de construções de um mau gosto assustador, tristes restos de uma época que não deixou saúdes.

A Câmara, que tam inteligentemente está a coordenar os grandes problemas do Concelho e da Cidade, deve imediatamente fixar os gabaris das construções e o seu tipo, de acôrdo com as artérias a que se destinam, e limitar o direito de architectar a quem pelos seus estudos o ganhou.

Uma Comissão de Estética, constituída por elementos técnica e artisticamente capazes e inabordáveis às solicitações dos interesses criados, conseguirá o resto.

Isto, para bem da Cidade... que todos dizem amar!

MARTIM VICENTE.

«Em 1482, Diogo Cão e os seus companheiros desceram neste recanto da terra de Angola, cravaram aqui o padrão do descobrimento e posse com as armas de Portugal e a Cruz de Cristo, para que fôsse, ao mesmo tempo, campo de expansão do espírito português e de religião cristã. Desde essa hora, Angola ficou incorporada no Império. Com a certeza de que fala pela minha voz Portugal inteiro, o passado e o presente, os vivos e os mortos, evoco todos os obreiros da grandeza da Pátria, marinheiros, militares, missionários, fazendeiros, mercadores, e, perante Deus e os homens, declaro que Portugal seguirá pelos caminhos imortais da sua vocação apostólica de povo civilizador, e proclamo, neste lugar sagrado da Pátria, a unidade indestrutível e eterna de Portugal de Aquém e Além-Mar».

(Palavras do Chefe do Estado na Foz do Zaire).

GUIMARÃIS

NAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

«Não, não é ainda a hora triunfal, o sol a pino do meio dia, mas é já depois das indecisões do alvorecer a alegria e a saudável frescura da manhã.»

Aquela manifestação apoteótica, incomparável na vida política da nação, não constituiu ainda, na cristalina vibração da linguagem do Chefe, apesar de o seu alto significado corporativo, a hora do triunfo.

Os equilíbrios orçamentais, índices seguros da resolução do problema financeiro; a afirmação, pelo «Acto Colonial», da intangibilidade dos nossos domínios, metropolitano e colonial; a aclamação, pelo sufrágio da Constituição, da nova estrutura política, em moldes invulneráveis ao espírito de partido, desagregada da unidade nacional; a publicação do Estatuto do Trabalho, pórtico agosto do império da justiça social que, gradualmente, vai abrangendo todos os sectores da economia, mediante a ratificação dos contratos colectivos, em suma, tóda essa febre de reconstrução, num ambiente de método e de calma, representam apenas, segundo as palavras de Salazar, a alegria e a saudável frescura da manhã.

Essa extraordinária acção renovadora do Estado Novo Corporativo, por nós ligeiramente esboçada vai, contudo, pelos revéberos da sua verdade, de ofuscante clareza, esclarecendo as inteligências, dissipando as dúvidas, derretendo a frieza, encorajando os cépticos, diluindo as últimas sombras, para, em breve, irmanar todos os portugueses na consagração da nossa secular Independência.

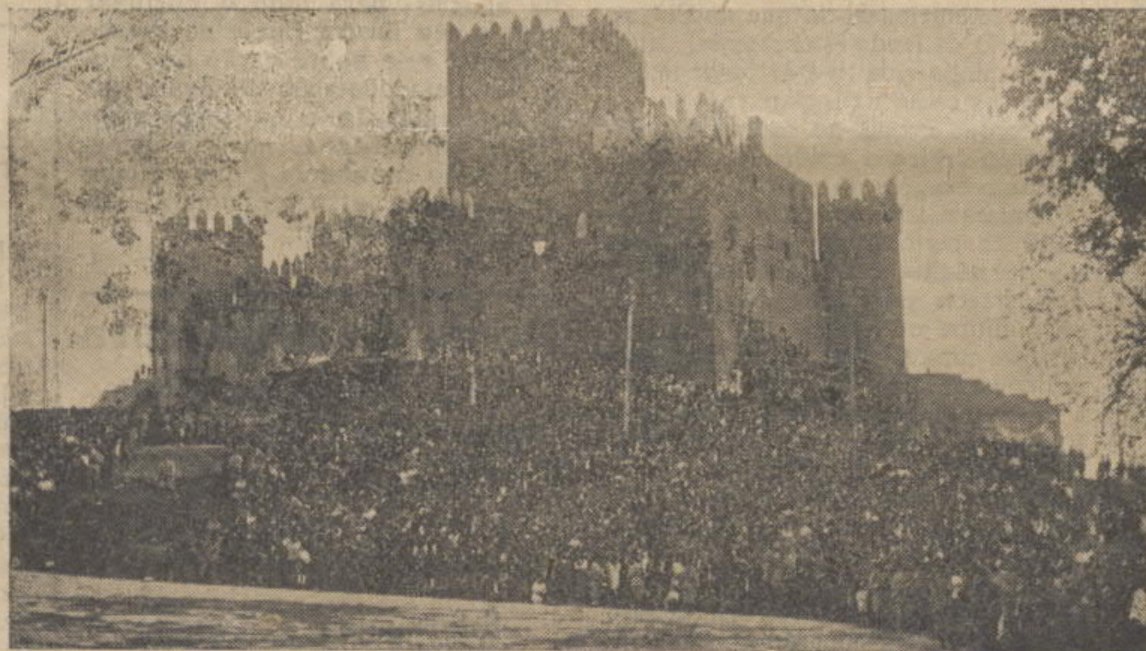
Nessas solenidades de universal projecção para as quais se preparam tódas as cidades, vilas e aldeias do nosso Império, está reservada a Guimarães, por vontade expressa de Salazar, a honra da abertura das Comemorações, no justo reconhecimento de ter brotado aqui a linfa do nacionalismo que, de levada em levada, regou tóda a terra portuguesa.

Então, junto às pedras do nosso Castelo, majestoso símbolo de uma Pátria restaurada, se hão-de reunir todos os portugueses, através das suas representações, para aplaudir, com o seu mais vibrante patriotismo, a voz do Chefe — expressão de Portugal eterno.

Nessa hora de exaltação nacionalista incidirá sobre a terra portuguesa o sol a pino, a cantar, na sua sinfonia de luz, a estrofe dos nossos dias, engastada ao poema de Camões, pelo génio reformador de Salazar.

HUGO DE ALMEIDA.

O CASTELO
DE GUIMARÃIS
NA TARDE
APOTEÓTICA
DE
1 DE MAIO DE 1935
E ONDE
EM ABRIL DE 1940
SE REALIZARÁ
A
CERIMÓNIA



MAIS MAJESTOSA DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS:
A
MISSA CAMPAL
EM
ACÇÃO DE GRAÇAS
PELA FUNDAÇÃO DA PÁTRIA PORTUGUESA